O Lazer na Natureza: aspectos ideológico, legal e histórico

Cleber Dias
cleberdiasufmg@gmail.com

Rio de Janeiro, 05 de maio de 2017

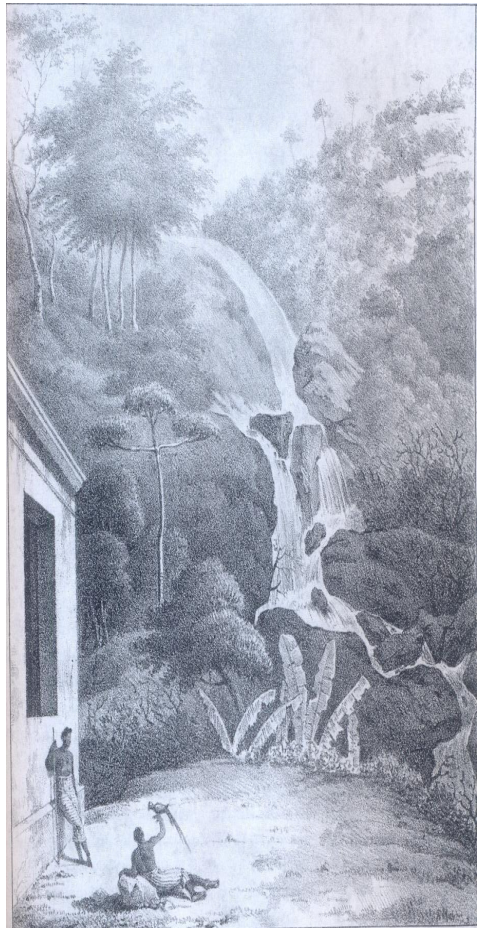
1. Transformações históricas nas concepções de natureza

2. História do uso social da natureza para o lazer

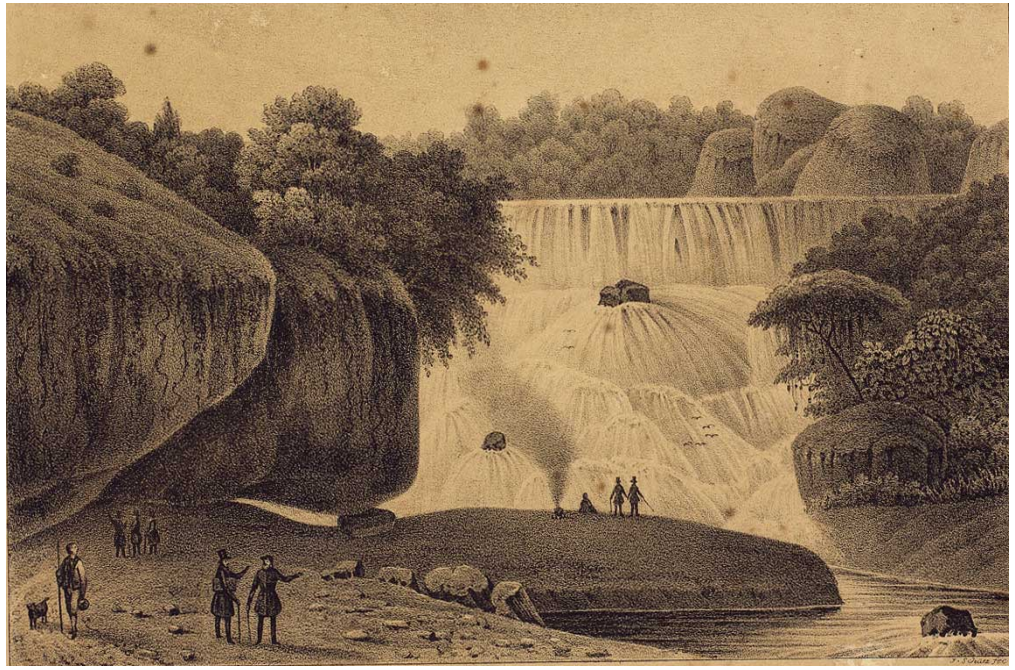
3. Uma ou duas consequências para o debate contemporâneo

“O homem, martirizado pelas preocupações da vida civilizada, necessita voltar, sempre que puder, ao contato com a natureza. Assim, poderá dar vazão as suas energias represadas. Reencontrará, no caminhar na floresta, o bálsamo que emana do ar puro, das verdes árvores, do azul do céu e das amizades desinteressadas [...] Benditas atividades excursionistas que permitem ao homem de hoje, asfixiado pela vida sedentária e sujeito às poluições da cidade, voltar ao seio purificante da natureza [...] No alto da montanha, o contato com a natureza é o melhor bálsamo para as tensões da vida moderna”.

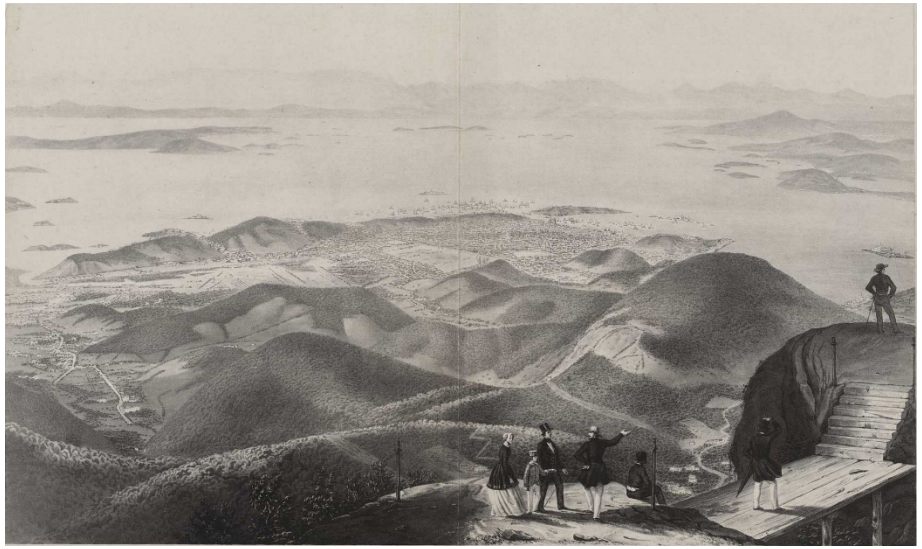
PONTUAL, Raul. A tensão nervosa dos nossos tempos. CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. *Boletim informativo*. Rio de Janeiro: CEB, n. 287, mar./abr. 1971, p. 15.



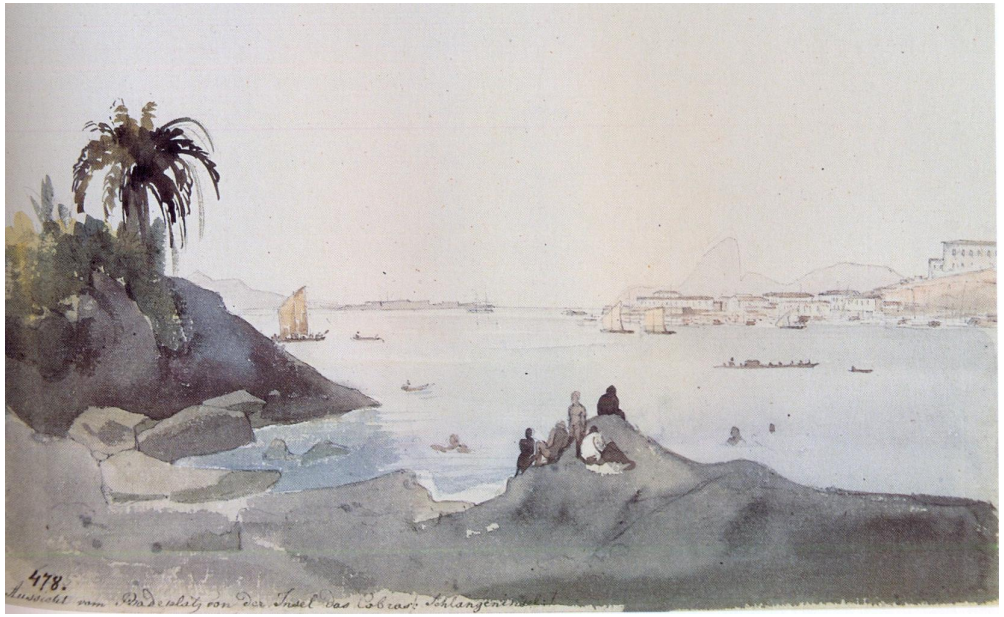
1. Johann Moritz Rugendas, Cascade de Tijuca*,* Gravura. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (1835).
2. Jacqques Arago. (1823). Promenade autour du monde (Castatinha da Tijuca). London: Treuttel & Wurtz, Jun. and Ritcher, 1823 In: SCHWARCZ, Lilia. O sol do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 261.
3. Alfred Martinet, Cascata pequena da Tijuca, Gravura. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (sem data).



1. Jan Frederik Schutz, *Cascata da Tijuca*, litografia, 22,5 X 34 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (sem data). Fonte: SCHUTZ, Jan Frederik. *Album pittoresco do Rio de Janeiro*: doze vista brasileiras escolhidas. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, sem data
2. Tomas Ender, *Grande cachoeira da Tijuca*, Lápis, 262 x 200 mm. Academia de Belas Artes de Viena, Viena. Fonte: WAGNER, Robert. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender*: 1817- 1818. Petrópolis: Kapa Editorial, 2000, tomo II, p. 306.
3. Nicolas-Antoine Taunay. Vista da baía do Rio tomada das montanhas da Tijuca e do Alto da Boa Vista. Óleo sobre tela, 52 x 64 cm. Museu Castro Maia, Rio de Janeiro (1816-1821). Fonte: SCHWARCZ, Lilia. O sol do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008, caderno cor 2, imagem 13.



1. Alfred Martinet, *Rio de Janeiro e seus arredores (do Corcovado) n. 1*, Gravura, 54 x 82,5 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (sem data).
2. Alfred Martinet, Rio de Janeiro e seus arredores (do Corcovado) n. 2, Gravura, 54 x 82,5 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (sem data).
3. Alfred Martinet, Rio de Janeiro e seus arredores (do Corcovado) n. 3, Gravura, 54 x 82,5 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (sem data).



1. Tomas Ender, *Vista do local de banho na ilha das cobras*. Academia de Belas Artes de Viena, Viena (1817-1818). In: WAGNER, Robert. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender*: 1817-1818. Petrópolis: Kapa Editorial, 2000, tomo II, p. 481.
2. Eugene Cicére, *Rio de Janeiro, da ilha das cobras*, litografia, 54 x 84,5 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (1852). Biblioteca Nacional.
3. Alfred Martinet, Vista do Rio de Janeiro tomada da ilha das cobras, litografia colorida, 33,5 x 50,1 cm (1847). In: MARTINET, Alfred. O Brasil pitoresco, histórico e monumental. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1847.

“Desafiavam-se ambos os sexos em feitos de rapidez, agilidade ou força, com risos e alegrias sem limitações, dando largas à vivacidade de seus espíritos [...] Quando o sol subiu demasiado para que ainda nos permitisse semelhantes exercícios contínuos, a conversa, os jogos de carta e a música preencheram o intervalo que se antepunha ao almoço”.

LUCCOCK, John. *Notas sôbre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil*: tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818. São Paulo: Martins, 1942, p. 169.

“Os mais ativos se separam para ir passear ou banhar-se nos pequenos rios que descem das montanhas vizinhas. O exercício da manhã abre o apetite; volta-se para almoçar, mas inventam-se divertimentos mais tranquilos para o momento do sol forte até uma hora da tarde quando se janta. De quatro à sete dorme-se e, depois da Ave-Maria dança-se durante toda a noite ao som do violão”.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tomo 2, v. 3. São Paulo: Martins / EDUSP,1972, p. 144

“Tudo então é vida e rumor; não falta música, dansa, e cantoria, alegria, expansividade e loucura. Vinho e amor dão a nota fundamental na epopeia desse dia de prazer. Vai-se tecendo contente o sonho até noite adentro e acorda-se na manhã seguinte com dor de coração e de cabeça, pois o reino da bem-aventurança dissipou-se ante a pressão dos trabalhos diuturnos dum presente de lutas”.

SEIDER, Carl. *Dez anos no Brasil*. São Paulo: Martins, 1951, p. 32-33.

“À hora aprazada, seguiram em bondes especiais, vistosamente ornamentados, aqueles alegres foliões, representantes da imprensa e algumas senhoras, com destino às Laranjeiras, onde tomaram trens para fazerem a excursão projetada. Chegados ao Alto do Corcovado, na maior alegria e contentamento, arriaram a fateixa, como se costuma dizer, para admirar o belo panorama que daquele lugar encantador se descortina sobre a nossa cidade [...] Diversas excursões por aquele pitoresco lugar foram logo improvisadas, até que às 3 e 30 da tarde foi servido o lauto jantar no Hotel das Paineiras em duas longas mesas, onde perto de 200 pessoas tomaram assento; foram servidas apetitosas iguarias, amenizando-se o jantar com outro dito espirituoso, trocados entre os convivas. Diversos brindes foram erguidos e correspondidos com entusiasmo. Findo o jantar, a excelente banda de música dos Tenentes executou diversas peças do seu vasto repertório como agradecimento aos convidados, dando assim mais realce à boa festa proporcionada pelos Tenentes do Diabo. Às 5 e 30 da tarde tomaram trens de descida aqueles alegres rapazes”.

TENENTES DO DIABO. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1890, n. 230, p. 2.